



YOM HAZIKARON LE CHALALEI TZAHAL VE NIFGAEI PEULOT HATERROR

*Dia de Recordação dos mortos do Exército de
Defesa de Israel e das vítimas do terror*

Soa uma sirene e o mundo se paralisa... pelo menos, o mundo que *ouve*. Um som penetrante aquieta o pensamento, que se transforma em palpitação no grito que cala a alma e que se apresenta em seu ressoar.

Todos de pé, porém quebrados. Todos quietos, porém inquietos. Todos deixam seus afazeres e se colocam em posição de sentido diante das vítimas do terror e do horror. Uma mistura de sensações atravessa o pensamento, e os sentidos se entrelaçam. E chega o silêncio. Esses poucos segundos entre o soar da sirene e o retomar da vida diária, indescritíveis, eternos.

Em 4 de Iyar, um dia antes de Yom Haatzmaut (o dia da Independência do Estado de Israel), foi estabelecido *Yom Hazikaron*, para homenagear a recordação diária dos mortos do Exército de Israel e das vítimas do terror¹.

Os segundos de transição entre o final da sirene e os afazeres diários, assim como os segundos de transição da tristeza de Yom Hazikaron para a euforia de Yom Haatzmaut produzem um agudo contraste, difícil de explicar e de encontrarmos um sentido. Como é possível passar de um estado ao outro? Como passar do pranto triste à alegria e à comemoração?

Dentro de nossa tradição judaica existem muitos rituais de transição para gerar a passagem de um estado ao outro. Um dos mais conhecidos é o da Havdalá (da palavra hebraica *lehavdil*, diferenciar). Nele se convergem diferentes elementos, que reúnem sensações e sentidos diversos.

Assim como na Havdalá acendemos uma vela trançada, em Yom Hazikaron acendemos velas em recordação das vítimas, das almas entrelaçadas e unidas a Deus. Elas também continuam trançadas e aferradas à própria vida.

Tal como, na Havdalá, tomamos uma taça de vinho na representação do tempo e da alegria, o encerramento de Yom Hazikaron nos transporta a um momento de celebração, de comemoração pelo tempo e o trabalho que permitiu a construção do Estado de Israel.

A Havdalá vem diferenciar um dia consagrado (*Kodesh*) do resto dos dias da semana (*Chol*, carentes de santidade), impregnando-os dessa santidade e de seus aromas místicos com as especiarias aromáticas que inspiramos (*Besamim*). Da mesma maneira, o *vazio* gerado pelas ausências dos seres queridos (*Chalalei*, mesma raiz da palavra *Chol* ou *Chalal*) é impregnado pelos afazeres diários que devemos retomar como obrigação moral. Suas almas estão cheias de santidade, e o nosso *vazio* ficam preenchido por sua recordação inspiradora. Fica demonstrado que, apesar de tudo, existe um futuro, e que o terror e a morte devem ser combatidos com vida, amor e construção.

Como ato de eternização de seus nomes, a volta aos afazeres diários é tão importante quanto a recordação e a homenagem. Um não poderia viver sem o outro – assim como o Shabat ou as festas não poderiam existir sem o resto da semana.

Ver o Estado de Israel, florescente e cheio de dinamismo, de crianças brincando em segurança pelas ruas, de cores, de luzes, de aromas, de gritos de vida... tudo sinaliza que os que caíram continuam vivos e em pé. Através das ações de vida que retomamos depois da sirene, nós os estamos honrando duplamente.

Rabino Ioni Shalom

Comunidade Bet-Am / Medinath Israel, Buenos Aires, Argentina

¹ Estabelecido no ano de 1949 pelo governo de Israel, e alterado em 2005, incluindo a recordação de todas as vítimas do terror.

